

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ – UECE
FACULDADE DE EDUCAÇÃO CIÊNCIAS E LITRAS DO SERTÃO
CENTRAL – FECLESC
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**“A FORMAÇÃO DOCENTE, O PROCESSO DE ESCOLHA E OS
USOS DO LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA ADOTADO NO
MUNICÍPIO DE IBICUITINGA / 2008”**

MARIA EVIÂNIA LIMA RABELO

QUIXADÁ-CEARÁ

2009

MARIA EVIÂNIA LIMA RABELO

**“A FORMAÇÃO DOCENTE, O PROCESSO DE ESCOLHA E OS
USOS DO LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA ADOTADO NO
MUNICÍPIO DE IBICUITINGA / 2008”**

QUIXADÁ-CEARÁ

2009

MARIA EVIÂNIA LIMA RABELO

**“A FORMAÇÃO DOCENTE, O PROCESSO DE ESCOLHA E OS
USOS DO LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA ADOTADO NO
MUNICÍPIO DE IBICUITINGA / 2008”**

Monografia submetida à coordenação do Curso de História da Faculdade de Educação Ciências e Letras do Sertão Central – FECLESC, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura Plena em História.

Orientadora:
Prof^a. M.s Isaide Bandeira Timbó

QUIXADÁ-CEARÁ

2009

Monografia defendida e aprovada em _____ de _____ de 2009.

Conceito: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. M.s Isaide Bandeira Timbó
Orientadora

Prof^a. Dr.Noélia Alves de Sousa
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ

Prof. M.s Manoel Alves de Sousa
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ

A minha mãezinha **Maria Luzanira** (*in memorium*),
pelo apoio, incentivo, intercessão e por sempre ter
acreditado em mim.

A ela, dedico esta vitória.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom precioso da vida, da sabedoria e da perseverança e me fez acreditar que tudo posso naquele que me fortalece;

A todos meus familiares, em especial, meu pai **José Edizio** pelo incentivo, paciência e por toda a ajuda que me prestou durante esse tempo;

A todos meus Irmãos pelo incentivo, força e coragem para continuar nesta caminhada: **Oricélia, Célia, Celi, Océlio, Edílson, Pedro, Eneilson, Francisco e Raimundo;**

Aos colegas de turma pelo espírito colaborativo na tarefa de multiplicar conhecimentos;

A todos os amigos que me deram força e incentivos, sempre torceram por mim: **Michelle, Days, Edilânia, Yandra, Socorro, Farabuline, Diógenes, Eliene e Cristiane;**

A Professora e orientadora, **Isaide Bandeira**, pela valiosa orientação em todo o processo deste trabalho;

A todos os Professores que contribuíram para a minha formação profissional e humana;

As minhas amigas **Nancy** e **Neide** por ter doado seu precioso tempo dos finais de semana ajudando – me nas correções finais deste trabalho, com muita boa vontade;

Ao meu amor **Erivaldo Silva** pela compreensão, apoio, incentivo e todo o carinho no decorrer desta caminhada;

Aos meus amigos **Francisco José** e sua esposa **Cleide** pela digitação deste trabalho;

A todos que contribuíram direta ou indiretamente para a realização desse trabalho, o meu muito obrigada.

“Ensinar História é caminhar numa linha de tempo, com duração e cortes diversos. Ensinar história é estruturar identidades. Ensinar história é também produzir conhecimento”...

Sônia Nikitiuk

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I - Perspectiva geral sobre o ensino de história, permanências e transformações e a formação docente	15
1.1 - Ensino de História permanência e Transformações.....	15
1.2 - Campo da pesquisa: Ibicuitinga na Educação.	21
1.2.1 - Breve História de Ibicuitinga	21
1.2.1.1 - Educação em Ibicuitinga.....	24
1.3 - A formação docente em foco	26
CAPÍTULO II – Professores de Ibicuitinga: Concepções de História e do Livro Didático	32
2.1 - Professores de História de Ibicuitinga	32
2.2 - Para que Ensinar História Hoje?	39
2.3 - O Livro Didático de História em Questão e sua relação com o processo ensino-aprendizagem	41
CAPÍTULO III – O Livro Didático de História adotado: o processo de escolha e os usos em Ibicuitinga.	45
3.1 - O processo de escolha do livro didático de história	45
3.2 - As coleções de História adotadas em Ibicuitinga para o triênio 2008-2010. .	48
3.2.1 - Escolas da prefeitura	48
3.2.1.1 - A coleção “História Hoje”	50
3.2.2 - Escola do Estado	54
3.2.2.1 A coleção Projeto Araribá – História	55
3.3 - Os usos do livro Didático de história conforme os professores.....	58
CONSIDERAÇÕES FINAIS	62
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	65
ANEXOS	69

RESUMO

Este trabalho analisa o processo de escolha do livro didático de história nas escolas públicas de Ibicuitinga, e investiga como é a formação dos professores na cidade citada acima. Procurando analisar os diferentes usos que o professor faz deste material em seu trabalho na sala de aula. Na realização desta pesquisa usamos como fontes bibliográfica teóricos ligados a educação, história e o livro didático e também foi realizado um questionário com perguntas abertas e fechadas ligado ao tema aplicado aos professores de história do ensino fundamental II (6º ao 9º ano) do município de Ibicuitinga. Portanto este trabalho inicia destacando as permanências e transformações ocorridas na ciência história e no ensino de história e relatando também sobre a formação do docente em questão. Em seguida faz um breve comentário sobre a história do município de Ibicuitinga. Destaca na seqüência uma análise feita sobre a educação em Ibicuitinga. Apresenta tabelas sobre o tipo de formação dos professores de história, sua faixa etária e seu tempo de magistério. Por fim o processo de escolha do livro didático de história em Ibicuitinga relatando sobre a importância que este processo tem para um bom ensino de história, e investiga a utilização do uso do livro didático como subsidio no processo de ensino-aprendizagem em história.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objetivo central compreender como se dá a escolha do livro didático de história no ensino fundamental II e a formação do docente no Município de Ibicuitinga. Acreditamos na importância do livro didático de história isso nos despertou o interesse de aprofundar melhor o nosso conhecimento deste instrumento didático-pedagógico.

Trabalhamos com a História do tempo presente, buscando fontes escritas, na tentativa de compreender o processo da escolha do livro didático de história no referido Município hoje, início do século XXI. E com isso, procuramos decodificar nesse processo de ensino e aprendizado a prática dos docentes e o seu desenvolvimento na sala de aula a partir de questionários com os próprios professores da localidade.

E para uma análise mais criteriosa foi necessário um grande conhecimento do assunto. Fizemos pesquisa com os documentos tanto na Secretaria de Educação do Município de Ibicuitinga, como nos livros de histórias adotados na cidade, já que o objeto de pesquisa estudado foi a escolha do livro didático de história e a formação docente.

O livro didático, apesar de hoje a maioria ser claro e objetivo, é apenas uma das fontes, ou seja, um dos recursos mais utilizados na sala de aula, pois existem várias outras fontes que pode auxiliar no trabalho do docente tais como: jornais, revistas, panfletos, aula de campo, Internet e etc. Pois é fundamental no processo ensino e aprendizagem dinamizar as aulas, tornando-as mais prazerosas e atrativas. Entretanto o foco desta pesquisa foi de modo especial o livro didático de História, devido suas inúmeras implicações pedagógicas, mas também sociais e humanas, requerendo, pois dos educadores maior atenção. Por isso desenvolvemos um estudo sobre a escolha do livro didático de história no município de Ibicuitinga, verificando a forma como os docentes os utilizam em sala de aula.

Neste sentido, o ensino de história e a escolha do livro didático do ensino fundamental II, requerem mais atenção, haja vista que os mesmos podem propiciar o exercício da cidadania, a formação e a autonomia intelectual, envolvendo os valores sociais e culturais, os interesses e as aspirações pessoais / coletivas; visando, sobretudo, a crença na pessoa humana e a valorização das experiências dos discentes.

No entanto, algumas vezes, os profissionais não fazem uma boa escolha do livro. Por exemplo, o tempo previsto da escolha, em geral, não é suficiente para que possa analisar o conteúdo, tornando a escolha muitas vezes descompromissada com a realidade escolar.

Diante disso, convém lembrar que na escolha do livro didático deve-se levar em consideração alguns critérios relacionados à linguagem do livro, o conteúdo a ser estudado, a participação dos docentes na escolha, a diversidade socioculturais dos alunos, bem como a realização da proposta pedagógica que norteia o trabalho da escola. Mas será que esses critérios de escolha do livro didático são atendidos pelos docentes e satisfazem as expectativas de ensino-aprendizagem em História? Esta problemática levou-nos à seguinte indagação: O que foi levado em conta no processo da escolha do livro didático de História no município de Ibicuitinga? Quantos professores de história leram o Guia do livro didático PNLD de história? Como se usa o livro didático em sala de aula?

Vale salientar que entregamos um questionário para cada professor de história do ensino fundamental II, no município de Ibicuitinga, no geral são onze escolas, dentre as escolas apenas uma é estadual localizada na sede do município, só um professor que ensina história no ensino fundamental II as demais são municipais. A escola que concentra maior número de alunos é a da sede do município da rede municipal chamada E.E.F Enéas Ferreira Nobre, funcionando os três horários de aula (manhã, tarde e noite), nesta são nove professores ensinando História, um desses docentes se recusou em responder o questionário, pois não tinha tempo porque estava fazendo faculdade e não tinha tempo para responder.

Nos Distritos são nove escolas, dentre essas apenas recebi oito questionários das escolas localizadas no Açude dos Pinheiros, Viçosa, Alto Vermelho e Barbada II, os professores tiveram compromisso com este trabalho. Contudo as demais localidades tais como as escolas dos Currais, Antônio Pereira, Canindezinho, Melancias e Chile estes não colaboraram com a esta pesquisa, sentimos-nos decepcionadas pela falta de interesse dos professores e diretores das escolas que não responderam ao questionário.

Para realizar esta pesquisa, inicialmente fizemos leituras preliminares referente ao assunto em pauta, abrindo espaço para um aprofundamento maior na bibliografia ligada ao ensino de história e ao livro didático.

As principais fontes utilizadas foram: os dezessete questionários aplicados aos professores de história de Ibicuitinga, várias leituras de diversos autores como: José Carlos Reis (2004), Vavy Pacheco (1987), Circe Bittencourt (1998), Ana Heloisa Molina (2007), Maria Auxiliadora Schmidt (2004), Alain Chopin (2004), entre outros. E as coleções dos livros didáticos de História “História Hoje” de Oldimar Pontes Cardoso e Projeto Araribá da Editora Moderna, adotadas nas escolas públicas de Ibicuitinga.

Essa pesquisa está dividida em três capítulos. No primeiro capítulo fizemos uma retrospectiva sobre a História e o ensino, suas permanências e transformações ao longo dos tempos, ainda neste capítulo, fizemos uma breve história do município de Ibicuitinga e também como trata a formação do docente.

No segundo capítulo analisamos o perfil dos professores de história de Ibicuitinga. Também abordamos os conceitos de história e ensino de história defendido pelos teóricos e confronta-os com os conceitos defendidos pelos professores pesquisados. Ainda no final deste capítulo, fizemos uma análise da relação entre o livro didático e sua relação com o processo ensino-aprendizagem.

No terceiro capítulo analisamos o processo de escolha e os usos do livro didático de história, bem como as coleções adotadas para o triênio 2008-2010 nas escolas públicas de Ibicuitinga.

CAPITULO I

PERSPECTIVA GERAL SOBRE O ENSINO DE HISTÓRIA, PERMANÊNCIAS E TRANSFORMAÇÕES E A FORMAÇÃO DOCENTE.

1.1 - Ensino de História, Permanência e Transformações.

Após a independência do Brasil, no início do século XIX a disciplina de história como área escolar obrigatória surgiu com a criação do Colégio Pedro II em 1837, com o predomínio de estudos literários voltados para um ensino clássico e humanístico. Vale ressaltar, que este estabelecimento de ensino tinha como objetivo formar os filhos da nobreza da corte do Rio de Janeiro preparando-os para chegar ao poder. Juntamente com este colégio foi criado o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), que criou os conteúdos programáticos a serem ensinados nas escolas públicas, enquanto as escolas convencionais mantinham o ensino da história universal e a história sagrada, por conseguinte, ABUD, afirma que:

A linguagem entre as duas instituições era profunda. Os membros do IHGB eram professores do D. Pedro II. E as resoluções do IHGB sobre a história afetavam grandemente as instituições escolares, cujas antes eram responsáveis pela elaboração dos programas. O Pedro II e o IHGB representavam, na segunda metade do século XIX, as instancias de produção de um determinado conhecimento conceitual e Problematização. (1998, p. 61).

A união entre as duas instituições eram forte, porque alguns membros do IHGB eram professores do Colégio D. Pedro II. Além disso, certas definições sobre a história iriam afetar gravemente essas instituições escolares, responsáveis pela elaboração dos programas.

É oportuno salientar, que neste período nacionalidade e liberalismo eram Tônica da época, tanto na Europa como na América Latina, recém emancipada do domínio ibérico. Formando um estudo mundial, construído uma

sociedade patriótica, controlada e dirigida, o direito de escolher os seus heróis do passado.

No ano de 1843, o IHGB perguntou aos sócios “como se deveria escrever a história do Brasil?”. A “resposta” vencedora foi de Von Martuis. Conforme destaca BITTENCOURT:

Para se escrever a história do Brasil, devia-se, em primeiro lugar, atentar para a formação étnica do Brasil e a contribuição do banco do negro e do índio para a formação da população brasileira. (1998, P. 30).

Outro aspecto relevante aconteceu no final do século XIX, mesmo antes da Proclamação da República, onde surgiram críticas a redução da história a uma classificação cronológica das dinastias. Nos discursos republicanos, o ensino deveria ser colocado na rota do programa e da civilização e patriótica.

Assim, a história do Brasil passou a ser introduzida no ensino secundário depois de 1855 e depois desenvolveram programas para as escolas elementares. Tanto a história nacional, como a história sagrada juntas conquistaram o programa das escolas elementares, como conteúdo do integrante de educação moral e religiosa.

Diante disso, fica claro que a história se apresenta como uma das disciplinas fundamentais no processo de formação de uma identidade comum, que é o cidadão nacional destinado a continuar a obra de organização da nação brasileira.

Por outro lado, final da década de 1870 foi reformulado currículo das escolas primária visando criar um programa de historia profana mais extenso e eliminar a historia sagrada. Os Parâmetros Curriculares Nacionais, PCN'S reiteram esta questão acrescentando:

Os programas de história do Brasil seguiam o modelo consagrado pela história sagrada substituindo as narrativas morais sobre a vida dos santos por ações históricas realizadas pelos heróis consideradas construtores da nação, especialmente governantes cléricos. A ordem dos

acontecimentos era articulada pela sucessão de reis e pelas lutas contra os invasores estrangeiros, de tal forma que a história culminava com os “grandes eventos” da “independência” e da “constituição do estado nacional”, responsáveis pela condução do Brasil ao destino de ser uma “grande nação. (1997: p. 21),

Nas primeiras décadas do século XX os governos republicanos realizaram sucessivas reformas, mas poucos fizeram para alterar a situação da escola pública. Mesmo assim, o período constituiu-se num momento de fortalecimento do debate em torno dos problemas educacionais e sugeriram propostas alternativas ao modelo oficial de ensino.

Várias reformas educacionais foram realizadas, mas nenhuma delas teve a amplitude da reforma Francisco Campos que modificou profundamente o sistema educacional no País.

Já no final do século XIX surgiram vários questionamentos a cerca do currículo de história, uma vez que uns defendiam do humanístico que formava o espírito, outros queriam dar um caráter mais científico, prático e teórico necessário para o contexto em que o país estava. Depois da libertação dos escravos o país começou com a industrialização e modernizou-se nesse contexto, o ensino de história continuou a priorizar a formação da nacionalidade. E nas ultimas décadas do século XIX o ensino de história passou a ser questionado ainda quanto a sua limitação cronológica e aos fatos notáveis dos dois reinados que influenciava na história brasileira. Como destaca os PCN'S:

Como consequência, o ensino de história passou a ocupar no currículo um duplo papel; o civilizatório e o prático. Ao lado da geografia e a língua pátria, ela deveria fundamentar a nova nacionalidade projetada pela república e modelar um novo tipo de trabalhador, o cidadão patriótico.(1998, p 58).

No período republicano prevalecia a concepção de que a história era responsável para formar cidadãos e ganha forças os principais conteúdos de história do Brasil tinham como objetivo a constituição e a formação da nacionalidade com seus heróis e marcos históricos, a pátria era então a principal personagem desse ensino.

Neste momento é que o estado passa a ser o principal formador da história. A partir daí a igreja deixa de intervir. Vale ressaltar que neste período são constituídos alguns dos nossos mitos como Tiradentes.

Entretanto a tendência nacionalista e patriótica vai continuar e consolida-se no período republicano, momento em que vale a pena ressaltar, se prestou atenção especial ao ensino.

Em 1930, com a criação do ministério da educação e saúde pública e a reforma Francisco Campos, acentuou-se o fortalecimento do poder central do estado e do controle sobre o ensino. O ensino de história era idêntico em todo país, dando ênfase ao estado de história geral, sendo o Brasil e a América apêndices da civilização ocidental (PCN'S, 1997,23).

Com a reforma os Programas de ensino deixaram de serem feitos pelos professores do colégio D. Pedro II, para ser produzido pelo o próprio ministério.

Outro aspecto importante aconteceu no início do século XX, período em que os governos republicanos fizeram várias reformas, mais pouco o fez para alterar a situação da escola pública. Mesmo assim, o período constituiu-se num momento de fortalecimento do debate em torno dos problemas educacionais e surgiram propostas alternativas ao modelo oficial de ensino.

Desse modo, o regime republicano, sob a defesa de um nacionalismo patriótico, buscava inserir a nação num espírito cívico. E a escola seria o agente da eliminação do analfabetismo ao mesmo tempo em que efetuar a moralização do povo assimilação dos imigrantes estrangeiros no interior de uma ideologia nacionalista e elícista que apontava a cada segmento o seu lugar no contexto social (PCN'S, 1997; 29)

Vale ressaltar também que no final dos anos de 1960 e início da década de 1970, no período da ditadura, o ensino de história tornou-se um dos pontos principais de atenção da política educacional implantado pelo estudo

brasileiro. Nas reformas ocorridas nesse período, a história sofreu mudança no sentido de eliminar a história ensinada na escola fundamental. Como bem afirma SCHIMIDT:

Com a lei Nº 5.692/71, foi oficializado, o ensino de estudo social nas escolas brasileiras, ficando os conteúdos específicos da história destinados somente dos alunos do antigo e segundo grau. A concepção e os conteúdos da história continuavam atrelados às concepções tradicionais. (2004, p. 11).

O projeto educacional implementado nos anos de 1970 tinha intenções claras: eliminar do ensino toda e qualquer possibilidade de reflexão crítica, de estímulo do pensamento e à criatividade.

Da Segunda Guerra Mundial até o final da década de 1970 foi um período de lutas pelas especificidades e pelo avanço dos estudos sociais no currículo escolar. Identificando dois grandes momentos significativos nesse processo: o primeiro ocorreu no contexto da democratização do país com o fim da ditadura de Vargas e o segundo durante o governo militar segundo os PCN's (1997).

O objetivo era de substituir o ensino de Geografia e a História por Estudos Sociais, renovando assim o enfoque da disciplina que iria perder o caráter do projeto nacionalista cívico e moralizante, marcando a penetração da visão dos americanos nos currículos brasileiros. Sobre esse enfoque encontramos nos PCN'S a seguinte informação:

A consolidação do estudo sociais em substituição a história e geografia ocorreu a partir da lei Nº 5.962/71, durante o governo militar. Os estudos sociais constituíram-se ao lado educação moral e cívica. (...) com a substituição por estudos sociais os conteúdos de história e geografia foram esvaziados ou diluídos, ganhando contornos ideológicos de um ufanismo nacionalista destinado a justificar o projeto nacional organizado pelo governo militar implantação no país a partir de 1964. (1997: P. 26).

Ainda neste contexto, é interessante mencionar que no final da década de 1980, começaram as lutas de profissionais desde a sala de aula até a universidade ganharam maior expressão com o crescimento das associações de historiadores e geógrafos entre eles, destacam-se a Associação Nacional de História ANPUH e a associação dos Geógrafos brasileiros AGB, que deram

mais força à batalha pela volta do ensino de história e geografia aos currículos escolares. SCHIMIDT reforça este aspecto quando afirma que:

Na década de 1980, a história ensinava nas escolas e universidades brasileiras foi o objeto de debates e inúmeros estudos, tornando-se um campo de pesquisa de teses dissertações e publicações, como livros e artigos especializados. As reflexões apresentadas nesse período apontam a existência de diversas abordagens e temáticas para o ensino de história, além de questionamentos acerca dos conteúdos curriculares, das metodologias de ensino, do livro didático e das finalidades de seu ensino. (2004: p. 55).

No entanto, a partir dos anos 1980, também iniciam-se debates e discussões com relação ao ensino da história e o objetivo era recolocar professores e alunos como sujeitos da história e da produção do conhecimento histórico deixando de lado o estilo tradicional do ensino, na qual o professor esta no centro como o transmissor e o aluno apenas um receptor passivo do conhecimento.

Com isso a década de 1980, é marcada pela redemocratização no país, é neste contexto que mais uma vez os conhecimentos escolares são questionados, passando por mudanças curriculares a nível estadual e municipal. Um dos fatores que impulsionaram a estas transformações foram as mudanças sócio econômicas e políticas. Os alunos desta geração estavam habituados a novas tecnologias que já fazem parte de seu cotidiano, em especial o rádio e a televisão que são meios muito importantes para a formação cultural da nação.

Paralelamente, a luta dos profissionais da educação, o processo de redemocratização proporcionou mudanças significativas na educação, visto que, a abertura às novas tecnologias de comunicação, as transformações sociais e políticas possibilitaram um novo olhar sobre a educação.

Portanto, as novas gerações de alunos habituaram-se à presença de novas tecnologias de comunicação, especialmente, o rádio e a televisão, que se expandiram como importantes canais de informação e de formação cultural. Entrava pelas portas das escolas uma nova realidade que não podia mais ser

ignorada. O currículo real forçava mudanças no currículo formal, diversos agentes educacionais passaram a discutir e desenvolver novas possibilidades de ensino.

1.2 - CAMPO DA PESQUISA: IBICUITINGA NA EDUCAÇÃO.

1.2.1 - Breve História de Ibicuitinga

Situar o lugar no espaço significa identificá-lo no contexto dos outros lugares. O município de Ibicuitinga (mapa em anexo) está localizado na Região Nordeste, no Estado do Ceará, precisamente na região do Baixo Jaguaribe, atingindo a zona do Sertão Central, distante de Fortaleza cerca de 195 km.

Quanto à população de Ibicuitinga, segundo dados da mais recente pesquisa do Censo Demográfico 2007 realizada pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas). O município de Ibicuitinga apresenta uma população urbana de 4.836 habitantes e uma população rural de 6.164 habitantes, totalizando, portanto, 11.000 habitantes.

Conforme o historiador Raimundo Girão, a partir de 15 de junho de 1893, Areia Branca passou a pertencer ao município de Morada Nova na condição de distrito de Boa Água. No entanto, somente em 20 de dezembro de 1938 esse fato foi oficializado pelo Governo do Estado do Ceará. Cinco anos depois (1943), o então Distrito passa a chamar-se de Ibicuitinga por se tratar de uma duplicidade de topônimos: IBICUI ou CUI – areia; TINGA – branca alva.

É interessante ressaltar ainda que mediante trabalho monográfico da pedagoga Maria Eunice Alves Vieira (2001, p. 28), primeiramente Ibicuitinga foi distrito de Boa Água e posteriormente de Morada Nova.

O povoamento de Areia Branca deu-se por volta do século XIX com a chegada de pessoas pertencentes às famílias Ferreira Nobre, Horácio, Damasceno, Samuel, Cândido, entre outros.

Com o passar do tempo os habitantes dessa vila sentiram a necessidade de construir uma pequena capela para cultuarem sua religiosidade, haja vista que até então, as celebrações religiosas eram realizadas em casa.

Diante desse fato, em 1886, através de um terreno doado pelo Sr. Samuel Ferreira Nobre foi construída a primeira “casa de Deus”, a qual recebeu como padroeira Nossa Senhora dos Remédios.

Segundo depoimentos de uma das mais antigas habitantes de Ibicuitinga, Dona Geni Girão com 83 anos de idade onde relata que, a capela recebeu este nome em virtude da ação de uma senhora que morava na vila que ajudava a curar as pessoas com chá de ervas e pedia a intercessão de Nossa Senhora dos Remédios na cura das pessoas, uma vez que não havia acesso a hospitais e/ou a médicos devido à distância e a falta de estradas.

Na administração do prefeito Joaquim Terceiro Chagas em (1977), prefeito de Morada Nova, Ibicuitinga ganhou sua primeira e única unidade de saúde, para suprir as carências do povo Ibicuitinguense. Contudo, convém lembrar que na gestão do primeiro prefeito de Ibicuitinga, José Edmilson Gomes, em 1988 o posto de saúde passou por uma reforma em sua infraestrutura e atualmente conta com o apoio de programas do Governo Federal como o PSF (Programa Saúde da Família).

Paulatinamente, Ibicuitinga foi se desenvolvendo e se destacando economicamente, levando o distrito a se emancipar com sua independência política-administrativa que só aconteceu de fato, em 11 de maio de 1988 na gestão do governo Tasso Jereissati.

O Sistema Municipal de Saúde de Ibicuitinga fundamenta-se nos princípios norteadores do Sistema Único de Saúde – SUS, buscando eficiência nos atendimentos e possui um Hospital de Saúde da Família, com apenas 09 (nove) leitos de observação.

Além disso, o município dispõe de 01 (uma) unidade privada, denominada Clínica Maia, atendendo serviços de ultra-sonografia, ginecologia e consulta médica.

A energia elétrica de Ibicuitinga é fornecida pela Companhia de Eletricidade de Estado do Ceará (COELCE), com um total de 2769 consumidores e tende a ampliar-se em razão dos programas governamentais.

O município conta com uma Agencia dos Correios e Telégrafos e com sistema DDD e DDI, na sede e a zona rural dispõe de um posto de Telecomunicações do Ceará (TELEMAR) em cada Distrito.

O abastecimento d'água na sede do município é feito através da Companhia de Água esgoto do Ceará (CAGECE) que fornece água tratada, com 219 ligações no centro da cidade.

Na zona rural o abastecimento d'água é feito através de açudes, poços profundos com dessalinizadores, cacimbões e cisternas, sendo dificultado nos períodos de estiagem. Já em outros distritos foi feita a implantação de Adutora com captação d'água do rio Banabuiú.

No município predomina o minifúndio com 207 estabelecimentos e a pequena propriedade com 75 unidades. No levantamento realizado pelo Convênio INCRA/FAO, Instituto Nacional de Reforma Agrária, Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação com base no Censo agropecuário de 1995/96, registrou que 93,5% dos estabelecimentos são da categoria familiar e apenas 6,3% são da categoria Patronal.

A agricultura é uma atividade predominante em nossa região, destacando o cultivo de feijão, milho, algodão, mandioca e cajueiro.

Em relação à pesca, destaca-se a importância da extrativista (subsistência), onde alguns pescadores autônomos fazem da pescaria uma complementação de sua renda familiar.

A indústria do município ainda é pouca desenvolvida, contando apenas com quatro estabelecimentos assim discriminados: um de produtos alimentares, um de metalúrgica e dois mobiliários.

O município não possui agências bancárias independentes, apenas o Banco Postal do Bradesco nos Correios e o posto da Caixa Econômica alocado à casa lotérica. Por conta disso, a população precisa se deslocar até as cidades vizinhas, como forma de suprir as suas necessidades básicas.

O município conserva muito suas tradições religiosas com a realização das seguintes festas: Nossa Senhora dos Remédios (08/09), Santo Antônio (13/06), Nossa Senhora do Perpetuo Socorro (14/08), São Francisco (03/10) e São José (19/03). Temos também as festividades alusivas à semana do município, em maio. Como fonte de lazer e valorização da cultura local temos o Coral Voz e Vez, grupos de dança, teatro e capoeira, campeonatos e torneios esportivos, nas modalidades de futebol de campo e salão e a semana da pátria de 01 à 07 de Setembro, que se tornou um evento tradicional em nosso município, recebendo visitantes de muitas cidades.

1.2.1.1 - A Educação em Ibicuitinga

A educação no município de Ibicuitinga ocorre na sua totalidade no âmbito do setor público. O município conta com 10 escolas pólos nucleados incluindo a sede, Chile, Viçosa, Canindezinho e Açude dos Pinheiros que compõem a rede municipal de ensino fundamental e 01 escola estadual, a única onde é ministrado, além do ensino fundamental, o ensino médio.

Na sede funcionam duas escolas: a da rede estadual, Escola de Ensino Fundamental e Médio Maria Edilce Dias Fernandes e da rede municipal – Escola Enéas Ferreira Nobre, que concentra o maior número de alunos matriculados.

De acordo com a reforma administrativa do estado, Ibicuitinga atualmente faz parte do Centro Regional de Desenvolvimento da Educação – CREDE 12 – com sede localizada no município de Quixadá. Antes da reforma, o município fazia parte da 8ª Delegacia Regional de Ensino - DERES cuja sede localizava-se no município de Russas.

O Distrito do Chile agrega as seguintes localidades: Dois Irmãos, Barbada II, Muquém, Trapiá, Pedra Branca. O Distrito de Viçosa agrega as localidades de: Boi Redondo, Currais, Renascer Longar, Bom Passar. E o Distrito de Canindezinho agrega as localidades de: Lagoa do Luís, Antônio Pereira, Vale dos sonhos, Barbadinha, Furnas, Peixe, Favela, Serrote. Já o Distrito de Açude dos Pinheiros agrega as localidades de: Melancias, Açude Novo, Contendas, Carrapicho, Serra dos Gomes, Serra dos Costas.

Além desses pólos podemos destacar a existência dos programas da Educação Infantil tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de 0 a 5 anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual, social e cultural, garantindo às crianças a aquisição gradativa de novas formas de expressão, reconhecimento e representação de seu mundo, a partir das informações que traz consigo, adquiridas através das experiências vividas no cotidiano de seu grupo sócio-cultural, estimulando a sua autonomia e criatividade.

O PAIC (Programa Alfabetização na Idade Certa) tem como meta desenvolver, por meio do Eixo Literatura Infantil e Formação de Leitores, uma política de formação de leitores e democratizar o acesso ao livro e à leitura por meio de aquisição e dinamização de acervos literários nas bibliotecas

escolares, no sentido de despertar o interesse e o gosto pela leitura e pela escrita entre nossas crianças, como um prazer infinito, um instrumento de aprendizagem e como um alimento para o crescimento humano.

Partindo dessa premissa, a Secretaria da Educação do Estado do Ceará vem desenvolvendo o Programa Alfabetização na Idade Certa que tem como objetivo garantir o sucesso da alfabetização de todas as crianças de 6 a 7 anos da rede pública de ensino, contribuindo para a estruturação da gestão municipal, definição das metas de aprendizagem, subsidiando ações de qualificação do processo de alfabetização e da formação e valorização dos professores. Também está contribuindo para a constituição dos sistemas municipais de avaliação de aprendizagem, bem como, desenvolvendo ações de formação de professores e alunos leitores e a dinamização do acervo literário na comunidade escolar e em seu entorno.

Existe ainda o Programa Brasil Alfabetizado criado pelo Ministério da Educação, que tem como objetivo abolir o analfabetismo no Brasil. Sua operacionalização é feita pela Secretaria Extraordinária Nacional de Erradicação do Analfabetismo (SEEA/MEC), que trabalha em parceria com organismos governamentais e não-governamentais com experiência na alfabetização de jovens e adultos. Além de contar com a (EJA) Educação de Jovens e Adultos, segmento de ensino da rede escolar pública brasileira que recebe os jovens e adultos que não completaram os anos da Educação Básica em idade apropriada e querem voltar a estudar.

Podemos observar que o município de Ibicuitinga conta com diversos programas de ensino que dá acesso a toda população estudantil a si inserir no quadro municipal de educação.

1.3. A FORMAÇÃO DOCENTE EM FOCO

Com o desenvolvimento profissional dos professores, ou seja, a formação desses, também se cria à necessidade de ter uma cultura profissional

e de organização no âmbito escolar como todo. NÓVOA (1997) salienta que a formação dos professores contribui para surgimento de uma nova cultura profissional, tanto para os professores como para a escola.

No seu processo de formação o professor deve ser reflexivo, envolto num ambiente não apenas de experiência pedagógica, mas no estímulo a criação de saberes para poder desempenhar o papel não somente de formando, mas também de formador que é capaz de partilhar saberes de maneira interativa e dinâmica.

Não se trata de mobilizar a experiência apenas numa dimensão pedagógica, mas também num quadro conceptual de produção de saberes. Por isso é importante a criação de redes de (auto) formação participada, que permitam compreender a globalidade do sujeito, assumindo a formação como um processo interactivo e dinâmico. A troca de experiências e a partilha de saberes consolidam espaços de formação mútua, nos quais cada professor é chamado a desempenhar, simultaneamente, o papel de formador e de formando. (NOVOA, 1997, P. 25).

A reforma de profissionalização do ensino, que visava à eficiência diminuía a responsabilidade e concepção de ensino, mas por outro lado permitia aos professores tomarem suas próprias iniciativas no seu ambiente de trabalho tornando-os aptos a terem decisões próprias.

Muito tem se falado no termo reflexão, porém para aplicação do ensino reflexivo e necessário que o professor não se limite apenas a um campo semântico fechado, e preciso ser alheio a qualquer tipo de preconceito e passar a introduzir idéias e fatos novas buscando sempre outras maneiras de responder as indagações levantadas em sala de aula para que possa refletir sobre esse processo. Segundo Garcia (1997) é necessário aos professores desenvolver a responsabilidade intelectual, no sentido de considerar as conseqüências que as mudanças acarretam, e ter vontade para se adaptar a essas novas realidades.

Concordamos com Gimeno (1990) na necessidade que se faz de termos um modelo de formação e aperfeiçoamento dos professores que

consiste no desenvolvimento contínuo. Conforme destaca Garcia (1997), que todas formações são importantes, mas é preciso avaliar o desenvolvimento profissional dos professores. Esse desenvolvimento diz respeito, ao processo contínuo de atualização e de aplicação prática dos conhecimentos adquiridos.

É válido ainda citar que a racionalidade técnica não é, nem se resume num modelo pronto de resolver os problemas educativos; pois no ambiente escolar todos os dias surgem problemas diferentes de vários níveis de situação, que não depende de solução pronta e com regras a seguir. Com base nas palavras de Gómez (1997), percebe-se que existe duas razões fundamentais que impedem uma solução geral para os problemas educativos em qualquer situação de ensino sempre haverá uma variável de situações política e ideológica.

Segundo Gómez (1997), salienta que o processo de aprendizagem é complexo e pode-se dizer que faz parte desse processo o pensamento prático do profissional que se divide em conhecimento - na - ação, reflexão - na - acção e reflexão sobre a acção e sobre a reflexão - na - ação.

Cada instrumento desses é constituído a partir de situações práticas que o professor vivência na sala de aula e faz com que passe a construir seu processo prático de aprendizagem, garantia desempenhar uma boa prática pedagógica.

Portanto, como se fala muito em formação reflexiva do professor, cabe a essa profissional desenvolver sua formação a fim de contribuir para um ensino de qualidade, promovendo assim uma educação inovadora.

O pensamento prático do professor é de importância vital para compreender os processos de ensino-aprendizagem, para desencadear uma mudança radical dos programas de formação de professores e para promover a qualidade do ensino na escola numa perspectiva inovadora....(GOMEZ, 1997, p. 106).

No processo dialético da aprendizagem, o tópico e reflexão a ação é essencial e indispensável na formação do profissional (professor), pois constitui o pensamento prático fazendo-o refletir, pensar e desenvolver habilidades da sua classe profissional, capacitando-o para o desempenho e auxílio na definição de problemas, determinação de metas e escolha de meios a serem aplicados em sala de aula, como o próprio nome explicita, e reflexão do profissional sobre sua ação. Essa ação deve ser um componente essencial nesse processo visando uma formação coletiva com características baseado nas problemáticas nos procedimentos e mitos que auxiliem nas escolhas e opinião de pensamentos críticos e responsáveis ao enfrentar situações conflituosas.

Em referência aos obstáculos à aprendizagem do professor, Ken Zeichner (1997), centra a necessidade de identificar e trabalhar um conjunto de obstáculos necessários a aprendizagem prática do professor, podendo ser citado a pouca importância que é dada a prática, seja no nível primário ou secundário, onde geralmente os orientadores estão mais preocupados com a aprendizagem dos alunos nas salas de aula, e não com o processo de aprender e ensinar propriamente. Ou seja:

Antes do mais, consideremos os obstáculos à aprendizagem do professor, anteriormente mencionados. Penso que os devemos concentrar na especificidade da aprendizagem realizada pelos alunos-mestre durante o período do *practicum*, não partindo do princípio de que ela é equivalente à experiência educativa e de que quanto mais experiência houver melhor. A este propósito, é útil identificar um conjunto de obstáculos à aprendizagem do professor que podem pôr em causa o valor educativo do *practicum*. (KEN ZEICHNER, 1997, p.119.).

Há vários relatos a respeito de tentativas de melhoramento do *practicum*, onde a ciência objetiva supervisionar essa prática e ajudar os alunos a expressar, demonstrar seus conhecimentos.

Quando se fala que existe fracasso no processo de ensino – aprendizagem na disciplina de história, não podemos culpar apenas o professor educador, tudo depende de um conjunto que se faz necessário para

uma boa educação, necessita-se que seja inserida novas metodologias, que a elaboração do currículo escolar para aplicação em sala de aula haja mudanças, com propostas pedagógicas diferenciadas e que possa haver resultado satisfatório. SCHMIDT (2002, p.55), salienta que a dificuldade de renovar o ensino de história no Brasil, está relacionado com descaso da educação, por parte das autoridades governamentais com a falta de investimentos para a formação dos professores e para a melhoria dos recursos pedagógicos.

Geralmente a atividade realizada pelo professor torna-se rotineira ou repetitiva se ele não tiver uma boa proposta pedagógica, que torne as aulas mais atrativas e interessantes para o alunado, muitas vezes por ser mal remunerado o professor precisa dividir seu tempo para outras atividades que o ajudem financeiramente, ou por outras preocupações, e assim não dispõe de tempo para elaborar uma boa aula. SCHMIDT (2002 p.55) ainda relata que os professores não dispõem de tempo e de condições para continuar sua qualificação profissional.

Para passar a didática do plano escolar de maneira clara e objetiva é necessária uma boa formação profissional do professor, aliada a aplicação de metodologias que facilite a compreensão e explicação histórica.

Na prática da sala de aula, o professor-educador tem a possibilidade de trabalhar de várias maneiras um mesmo conteúdo, podendo estimular o aluno a questionar um determinado objeto de estudo, e conseqüentemente problematizar questões referentes ao mesmo. Assim destaca SCHMIDT:

A Problematização histórica, a o ser transposta para o ensino, traz múltiplas possibilidades e também questionamentos. Pode significar desde a capacidade mais simples de construir uma problemática em relação a um objeto de estudo, a partir das questões postas por historiadores e alunos; pode também significar simples indagações ao objeto de estudo: Por quê?. Como?, Onde?, Quando?., (2002, p. 60).

Além de novas metodologias de ensino-aprendizagem voltadas para a disciplina de história, tem-se destacado como material de uso escolar os

documentos ou fontes; podendo ser usado como exemplo a facilitar a compreensão dos fatos ou acontecimentos ocorridos e ajudar o aluno a dar sentido real ao que se estuda. Segundo SCHMIDT (2002, p.61) um dos elementos considerados importante no ensino da história são as fontes ou documentos para auxiliar na prática pedagógica.

Bom seria se todos os educadores e educando tivessem oportunidade de uma formação histórica através de problematização, capacidade de desafios e análises de documentos históricos capazes de despertá-los para a importância do processo histórico de fatos, seja do presente ou passado, e não sente-se nessas aulas como meros espectadores que apenas recebem informações sem assimilá-los, achando a aula chata e desinteressante. Enfim que pudessem encara como um processo construtivo e cultural de cada um.

CAPITULO II

PROFESSORES DE IBICUITINGA: CONCEPÇÕES DE HISTÓRIA E DO LIVRO DIDÁTICO.

2.1 Professores de História de Ibicuitinga

Para falar mais especificamente sobre o perfil dos professores de história de Ibicuitinga, analisamos um questionário com perguntas abertas e fechadas que foi utilizado durante a pesquisa que fizemos com 17 professores de história do município de Ibicuitinga. Os principais pontos analisados neste momento foram: formação superior, faixa etária e tempo de magistério.

Vale ressaltar que entre os vinte e oito questionários entregue, foram recebidos dezessete e destes apenas três professores tem formação na área de História e os demais são formados em outras disciplinas como Letras, Pedagogia e Matemática ou não tem formação em nível superior.

Para garantir o anonimato e maior liberdade de análise das respostas professores pesquisados serão denominados pelas letras do alfabeto, identificando a escola onde exerce o seu trabalho.

PROFESSORES	LOCALIDADES DAS ESCOLAS
A, B, C, D, I, O, P, T.	E. E. F Enéas Ferreira Nobre.
G, H, E, F.	E. E. F João Perboayre Teófilo Girão.
R.	E. E. F José Rufino Pinheiro.
L.	E. E. F Antônio Eduardo Girão.
M, J.	E. E. F Manoel Pereira de Oliveira.
Q.	E. E. F e M M ^a Edilce Dias Fernandes.

As Professoras “A, C e D”, lecionam na Escola Enéas Ferreira Nobre e na sede do Município de Ibicuitinga são formadas em Letras, ambas tem

quinze anos de magistério, podemos dizer que as mesmas não tendo uma formação em História, mas tem uma boa experiência pedagógica acumulada.

Na escola que concentra o maior número de professor e de aluno é a Escola de E. F. Enéas Ferreira Nobre, localizada na sede do município, a formação dos professores é heterogênea, pois os professores de letra “B, O, I e P” são formados, mais nenhum deles é formado em história. Os professores “B, O e I”, têm mais de quinze anos de profissão, são muito experientes, mais talvez não tenham uma habilidade de ensinar história como o profissional formado na área. O professor “B” é formado em Geografia, os professores “O e I” são formados em Pedagogia. Já o professor “P” é formado em Ciências Biológicas tem menos de cinco anos de profissão ensinando história, podemos perceber que eles seriam melhores aproveitados na escola se estivesse atuando na sua área de formação.

Já as professoras “G e H”, estão cursando Pedagogia, trabalham na escola E.F. João Perboayre Teófilo Girão, na zona rural Barbada II do município de Ibicuitinga. E estão com quatro anos de experiência no magistério.

O professor “R” leciona na Escola E. F. José Rufino Pinheiro, localizada no Açude dos Pinheiros na zona rural do município, está cursando Letras, está iniciando a carreira pedagógica. Nesta escola observamos a mesma questão relatada no parágrafo anterior da dificuldade de professores formado na área de história e por isso professores em outras formações lecionam a disciplina de história, por exemplo, a professora “L”, formada em letras, está com mais de 25 anos com a profissão de professora, devido todos esses anos de experiência em sala de aula, pode ter um maior desempenho para lhe dá com os alunos e com os conteúdos, leciona na Escola E. F. Antônio Eduardo Girão na localidade de viçosa (zona rural do município de Ibicuitinga).

Na localidade de Barbada II, temos as professoras “E e F”, a professora “E” tem apenas o 3º pedagógico, mais tem sete anos que trabalha como professora. Embora ainda não tenha iniciado o nível superior, pode ter

uma boa experiência, pois já tem uma certa experiência, mais não está se atualizando. Já a “F” terminou letras, há mais de cinco trabalha no magistério, mais não está atuando na sua área de formação.

O Professor “M” da escola E. F. Manoel Pereira de Oliveira no distrito Alto Vermelho, na zona rural do município de Ibicuitinga, está cursando licenciatura em Matemática e está ensinando história, novamente percebe-se a carência de professores formados em história nas escolas do município citado.

O professor “J” é formado em Matemática, leciona na Escola E. F. Manoel Pereira de Oliveira do Distrito de Alto Vermelho, tem menos de cinco anos de prática pedagógica. Já as professoras de letra (Q e T), são formadas em história têm quinze anos de profissão pedagógica, portanto podemos perceber que elas têm uma boa experiência. A professora “T” leciona na Escola E. F. Enéas Ferreira Nobre na sede do município de Ibicuitinga. É a professora “Q” que trabalha na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Maria Edilce Dias Fernandes. Através dos questionários aplicados constatamos que no município apenas a escola de E. F. e M Maria Edilce Dias Fernandes a professora é formada em história e está atuando na área.

Formação dos professores de historia de Ibicuitinga que participaram da pesquisa:

Tabela 1:

Total de professores de historia	Professores de história formados em história	Professores de história não formados em outras áreas
Taxa porcentual	Taxa porcentual	Taxa porcentual
17 100%	03 17,64%	14 82,36%

Fonte: questionários aplicados e analisados por mim.

Os professores de história de Ibicuitinga, apesar de todos os esforços feitos pela Secretaria Municipal de Educação no sentido capacitar esse profissional, ainda estão um pouco à margem do perfil “Ideal” com número de professores formados em história. Mais o ensino de história ao nosso ver ainda

deixa a desejar, pois temos professores formados em história que estão fora da sala de aula, como alguns diretores administrativos, agente pedagógico. Assim para cumprir as disciplinas, colocam professores de outras áreas para ensinar história no município de Ibicuitinga.

É válido salientar que o município de Ibicuitinga a questão política é muito forte, pois quando muda de prefeito os professores capacitados que são da oposição temporário são colocado pra fora do emprego, mesmo sendo formado, e os núcleos gestores emprega seus eleitores mesmo não sendo capacitados, tendo apenas com o ensino médio.

Analisando os dados da tabela acima, pode-se perceber que menos da metade dos professores de história que participaram da pesquisa são formados em história: 17,64%, e os outros 27,26% não tem nível superior e os outros 55,10% são formados em outras áreas como pedagogia, ciências biológicas, letras, matemática e geografia. Esta questão pode trazer prejuízo para o ensino de história?

Podemos salientar que no município de Ibicuitinga, através do núcleo da Universidade Vale do Acaraú-UVA, Já colaram grau uma turma de Ciências Biológicas e em breve concluirão mais duas turmas sendo uma de matemática e a outra de história. Diante do exposto temos mais professores em outras áreas do que em história.

Como afirma Ana Heloisa Molina:

O perfil básico do profissional de história seria aquele capaz de produzir conhecimento, relacionar-se criticamente com a produção científica e transmitir aos seus alunos um saber com elementos que permitam sua crítica; um profissional capaz de pensar e pensar-se historicamente, que compreenda a realidade da educação no seu sentido mais amplo e não só nas pretensões de análises esvaziadas de um caráter crítico e político; que visualize seu processo vivido, enfim, profissionais capazes de aprender a realidade em sua totalidade, complexidade e problemática, buscando alternativas a médio e longo prazo sem se basear em modismo ou diagnósticos apressados e soluções casuais. (2007, p. 135).

Esse perfil descrito na citação deveria ser o “ideal” de todos os professores de história, contudo, o que se observa hoje em dia é que até mesmo os profissionais formados em licenciatura plena em história, muitos deles ainda encontram-se a margem desse perfil “ideal”. Portanto, o professor de história não precisa só de dispor as competências necessárias para dar os seus alunos uma boa aprendizagem é necessário está sempre se atualizando.

TABELA 2 – FAIXA ETÁRIA DOS PROFESSORES DE HISTORIA DE IBICUITINGA

Intervalo	Quantidade	Taxa porcentual
21 a 30 anos	7	41,17%
31 a 40 anos	7	41,17%
41 a 50 anos	3	17,64%
Total	17	100%

Fonte: dados fornecidos pelos entrevistados

Conforme os dados acima, concluímos que a média de idade dos professores de história de Ibicuitinga é de 30 anos, o que nos leva a crê que a maioria desses profissionais já possui certa experiência no ensino de história. Portanto, o fato de não serem formados em história, possibilita que esta experiência seja questionada.

TABELA 3 – TEMPO DE MAGISTÉRIO DOS PROFESSORES DE HISTÓRIA DE IBICUITINGA.

Intervalo	Quantidade	Taxa porcentual
Ate 5 anos	6	35,29%
De 05 a 10 anos	3	17,64%
De 10 a 15 anos	3	17,64%
De 15 a 20anos	4	23,53%
Mas de 20 anos	1	5,88%
Total	17	100%

Fonte: dados fornecidos pelos entrevistados.

De acordo com a tabela acima podemos ver, que o tempo de magistério dos professores de História de Ibicuitinga é heterogêneo, pois temos professores com poucos anos de experiência que ainda estão se habituando às exigências da prática pedagógica, e podemos salientar que temos muitos professores com muitos anos de magistério, significa dizer que estes docentes têm experiência pedagógica acumulada.

Prosseguindo a pesquisa na análise das respostas dos questionários, indagamos os professores o que é História na opinião deles, e as respostas foram variadas. Mas para compreendermos as opiniões dos professores de História que responderam os questionários do Município de Ibicuitinga do ensino fundamental II, acerca do conceito de história é preciso fazer uma comparação entre os professores que responderam os questionários e os principais teóricos da história.

Segundo Vavy Pacheco (1987), ao perguntar o que é História as pessoas não chegam a nenhuma definição precisa mais se refere a fatos e acontecimentos do passado.

O Professor “P” é formado em Ciências Biológica e já leciona em Ibicuitinga na sede há quase cinco anos. Quando foi perguntado a ele o que é “história?” Ele respondeu:

História é uma disciplina que estuda o passado, mostrando os fatos e fazendo com que todos conheçam o processo pelo qual passou a humanidade até hoje. Nisso conseguimos entender que o que ocorre no presente está relacionado com algum fato do passado.

Como podemos observar na fala acima e de outros professores o reflexo da concepção da história como algo simplesmente do passado.

Realizamos a mesma pergunta para um outro professor “O” que leciona na sede do município de Ibicuitinga. O mesmo é formado em pedagogia e trabalha no magistério aproximadamente oito anos. Ele respondeu.

É uma disciplina cuja preocupação fundamental é o desenvolvimento da reflexão e do pensamento, a história nos

ajuda a compreender as origens e causas das desigualdades, injustiças sociais, da fome do racismo etc. É uma reflexão sobre os benefícios e os males das sociedades.

De acordo com a reflexão sobre o conceito de história contido acima, podemos observar que o papel fundamental da história, quando ensinada, é de formar cidadãos críticos, conscientes, reflexivo e esclarecido acerca da sociedade onde vive.

Vale salientar que, para o ensino de história chegar em seus bons objetivos, é preciso que as propostas a serem trabalhadas na disciplina, estejam ligadas no mundo próximo do educador, pois é o seu primeiro ambiente de vivência.

O professor “F” leciona na zona rural do município. O mesmo é formado em Letras tem quase vinte anos de magistério. Quando foi perguntado a ele “O Que é história?” Respondeu:

É a arte vivenciada através dos tempos, onde o passado torna-se presente fazendo-nos compreender melhor o mundo nos deixando aptos a escolher como participar da sociedade.

Podemos perceber que os professores estão sempre se referindo a algo acontecido do passado e fazendo comparação com o presente.

Segundo Reis (2004), há uma relação recíproca entre o passado e presente conforme também vimos na fala do professor acima. Mas Reis destaca:

O presente não continua e nem é superior ao passado; é “outro”. O método retrospectivo não leva o historiador a busca das “origens”. O historiador vai do presente ao passado e retorna do passado ao presente. O passado e presente se determinam reciprocamente. O passado só é apreensível se se vai até ele com uma problemática sustentada pelo presente. (REIS, p.27).

Diante disso entendemos a história como algo que está acontecendo, que muda e possui movimento, pois os acontecimentos estão interligados

fazendo parte de determinada história.

2.2 - Para que Ensinar História Hoje?

Aplicamos questionários com todos os professores que lecionam História no Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano) no município de Ibicuitinga, com a seguinte pergunta: “Você gosta de ensinar história?”. O professor “T” afirmou o seguinte:

Eu me identifico, pois é uma disciplina muito gostosa de ensinar, é como se eu me transportasse no tempo e comigo eu levasse meus alunos pra aquele momento.

Dentro de uma nova concepção de ensino, trabalhar com história é muito mais do que ficar preso aos fatos do passado, como decorar datas importantes. O ensino de história deve ser um grande suporte para preparar o indivíduo em um sujeito consciente de seu papel na sociedade. Assim, o professor “G” ressalta:

É uma disciplina gostosa de ensinar, pois leva o aluno a pensar, criticar fazer análise do antes, do hoje e ter perspectivas para o futuro.

E o professor “J” comenta:

Importante, para ensinar história é preciso gostar, pois requer muito empenho compromisso, onde estão envolvidas histórias diversificadas: de pessoas, épocas, lugares é sempre bom, enquanto ensino também aprendo resgatando valores e preservando o que pode ser esquecido senão for valorizado.

E para concluir o professor “I” faz o seguinte comentário relevante:

Apesar de não ser uma historiadora acho importante, [ensinar história], pois, aprendo junto com meus alunos, a valorizar o legado cultural de outras civilizações e utilizá-lo em nosso cotidiano como base para atuais conquistas que serão deixadas para as futuras gerações.

É preciso estar consciente de que não basta o docente salientar a importância do ensino de história, e sim sair desses debates teóricos e buscar transformações concretas. Portanto, com estas perspectivas podemos superar

as práticas tradicionais e organizar propostas com significado e objetivos definidos. Para termos bons resultados será preciso levar em conta as questões dialogadas com o dia-a-dia dos educando, como trabalhar com atividades que possibilitem ao aluno a conquistar conhecimento de diferenças e semelhanças, permanências desenvolvendo o seu raciocínio histórico.

Através dos depoimentos dos próprios educadores, podemos destacar que um dos pontos principais no ensino de história não é só qual o conteúdo a ensinar, e sim como vai por em prática estes conteúdos, pois pela falta de formação na área os docentes sentem-se inseguros na sala de aula. Afetando o aprendizado dos alunos.

Para isso, os docentes devem fazer as escolhas daqueles materiais que são mais significativos para serem trabalhados em determinados momentos ou grupos de alunos, no decorrer da escolaridade. É importante ressaltar que a seleção e a abordagens dos conteúdos de história só irá ter importância e sentido para o aluno, se o mesmo tiver algo relacionado com o seu mundo social, e com seus interesses. Segundo SOUSA:

... Os conteúdos devem ser adequados ao desenvolvimento cognitivo do aluno, considerando seu repertório, sua experiência e seu cotidiano; e contribuindo efetivamente para a formação de idéias e conceitos. (1999, p.06).

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997: 45), os conteúdos de história não devem ser considerados fixos. As escolas e os professores devem recriá-los e adapta-los à sua realidade local e regional.

De acordo com Conceição Cabrini (1989), a chamada “Escola Nova”, trouxe a baila discussão da relação professor/aluno; embora isso possa ter provocado mudanças com a centralização no aluno em atividades baseadas em seus interesses e necessidades não alterou, na prática, a relação de poder em sala de aula, pois:

As atividades do aluno, em história, conservam o dito conteúdo tradicional que é apresentado de uma forma mais ativa (indo às

bibliotecas, fazendo cartazes, etc.), mas sem querer contestar a ditadura do professor e do livro: a história é aquilo que está lá.

Percebemos que através dos questionários aplicados aos professores de história de Ibicuitinga, avanços quanto à concepção de história. Mais problema está em traduzi-lo em concepção na prática pedagógica em sala de aula. Portando o grande desafio dos docentes está na superação de suas carências como forma de contribuir para um aprendizado melhor e para um ensino de história que favoreça ao pensar historicamente.

Ao analisarmos a compreensão do ensino de história defendida pelos docentes, podemos perceber o quanto estes professores gostam de ensinar história, mesmo sendo uma boa parte desses docentes não formados em história.

2.3. O Livro Didático de História em Questão e sua relação com o Processo Ensino-Aprendizagem.

Nesse subitem, analisamos as principais relações entre o livro didático de história e o professor para compreendermos a crítica dos conteúdos e abordando as permanências e mudanças na visão de história transmitida em sala de aula, bem como o papel do professor diante a apresentação dos conteúdos abordados.

No que diz respeito à história como disciplina escolar obrigatória, é importante ressaltar que ela surgiu em meados do século XIX e junto com ela vieram também os livros didáticos com suas gravuras de cenas históricas se intercalando entre textos e mapas históricos, tudo isso na intenção de auxiliar no ensino que nessa época tinha como maior preocupação à formação da identidade nacional. Segundo CHOPIN:

Os livros didáticos não são apenas instrumentos pedagógicos: são também produtos de grupos sociais que procuram por intermédio deles, perpetuar suas identidade, seus valores, suas tradições, suas culturas. : (2004, p.52).

O livro didático é um dos elementos mais antigos no processo ensino – aprendizagem e tem sido, conforme destaca BITTENCOUT (1997, p.72), desde o século XIX o principal instrumento de trabalho de professores e alunos.

Porém o livro didático é antes de tudo um objeto de compra e venda, por isso, passa por um processo de avaliação e organização. Por um grupo de pessoas responsáveis pela fabricação e comercialização do livro. Informam-nos SCHMIDT & CAINELLI o seguinte:

(...) O livro como objeto, mercadoria que sofre as contingências sociais, econômicas, técnicas, políticas como qualquer outra e que percorre os caminhos de produção, distribuição e consumo (...). Deste modo, vemos que o livro, Por suas características de objeto histórico / cultural / social / educativo, possui complexidades próprias, que ampliam as perspectivas de seu estudo, (1999 p. 276 – 277).

Segundo Piaget, autor de mais de 100 livros, "a aprendizagem acontece de dentro para fora do indivíduo" e que é da experiência e da relação com o meio que os educandos se desenvolvem construindo e reconstruindo suas hipóteses sobre o mundo que o cerca, (NOVA ESCOLA, 2002, p. 24). O mesmo deixa um alerta, que no processo de ensino aprendizagem, tanto professores como alunos são portadores de conhecimentos.

Para Paulo Freire a educação é uma forma de intervenção no mundo (NOVA ESCOLA, 2001, p.24), embora tivesse uma metodologia mais voltada para jovens e adultos, sua meta era educar para transformar e que antes de ensinar uma pessoa a ler uma palavra devemos ensiná-lo a ler o mundo. É interessante mencionar que dos vários livros que este autor escreveu um dos mais importantes foi "Pedagogia dos Oprimidos". Ele e Piaget tinham algo em comum, os mesmos fazem em seus livros, críticas severas as metodologias tradicionais, pautadas na exposição pura sem relação dialógica com os alunos.

Um outro autor significativo para compreender o processo educacional é Perrenoud, que dar importância às competências para ensinar, e como Paulo Freire, apostava muito na formação dos professores para a transformação dos

alunos. Ambos diziam que o “educador deve se comportar como um provocador de situações, um animador cultural no ambiente em que todos tenham voz e vez” (NOVA ESCOLA, 2002, p.21).

Já Cool, outro teórico da educação acredita em um bom currículo para escola levando em conta as particularidades dos alunos e afirma que para “uma boa educação deve haver a interação de todos da escola e das famílias”. (NOVA ESCOLA, 2002, p.22).

Como muitas outras formas de conhecimento da realidade, a história está sempre se construindo porque a história sempre se renova nunca é perfeita pronta e acabada.

Para compreendermos melhor essa relação professor-livro didático, no questionário que aplicamos para todos os professores de história do ensino fundamenta II de Ibicuitinga, perguntamos “em sua opinião o que é um bom livro didático de história?”, alguns responderam, como o professor “A”: “Um bom livro didático de história é aquele em que o autor está sempre fazendo inferência com a nossa realidade.”

Percebemos que fica difícil pensar a educação escolar sem o livro didático. Portanto o livro precisa ser pensado enquanto um suporte pedagógico e não a pedagogia em si. Assim, o professor “C” ressalta que o livro didático “leva o aluno a refletir, analisar e questionar a história vivida.”

O livro didático necessita ser visto como um elemento de consulta das problematizações do cotidiano estabelecido por professores e alunos associados a outras fontes de conhecimento digno de confiança, e passar a fazer parte de um conjunto de elementos auxiliares que devem subsidiar o dia-a-dia em sala de aula. Nesta perspectiva o professor “D” destaca:

É aquele que leva o aluno a conhecer os fatos de maneira clara, que o leve a elaborar interpretações/ hipóteses e que não seja tão resumido, mostre fonte vocabulário, ou trás meios para aprofundamento do assunto (site, livros, filmes...) e que seja

dividido em partes para uma melhor compreensão leitura com exercícios claros e fascinantes.

E o professor “T” complementa: “É aquele em que o aluno vê os conteúdos pode dar opinião, participar no decorrer da aula e compreende os acontecimentos e compara com o presente”.

Continuando a reflexão sobre a relação entre o docente e o livro didático de história, vale ressaltar a importância da contribuição dos debates em sala de aula, feitos pelos os professores entrevistados para a análise.

O livro didático é um objeto de estudo complexo e tem despertado interesse nos vários debates e encontros. SCHMIDT & CAINELLI. Corroboram:

...Todos os livros didáticos necessitam ser compreendidos por seu processo de produção, distribuição e consumo, esses três aspectos envolvem historicamente, os contextos em que foram produzidos os livros políticos editoriais, como as leis oficiais que produção dos livros, mercados e preços, além de outros processos de compra e venda dos livros, políticos governamentais de aquisição de livros destinados a escola e consumo....(2004, p.135).

O livro didático é instrumento pedagógico indispensável, mas, é importante que o educador tenha em mãos o manual do professor o qual apresenta uma técnica de aprendizagem, a estrutura e as condições para o profissional realizar melhor o seu trabalho com este instrumento escolhido. O livro do professor em sua organização pedagógica traz várias técnicas de aprendizagem e de formas, ou seja, dicas de como trabalhar, exercícios, questionários, sugestões de trabalho, traz um conjunto articulado de orientações teóricas e metodológicas para a facilitação das tarefas que os alunos devem desempenhar para a compreensão dos conteúdos e realização das atividades.

Atualmente existe uma infinidade de trabalhos analisando os conteúdos compostos no livro didático de história. Alguns trabalhos mostram as várias formas da utilização desse material no Brasil. Que na maioria das vezes tem se tornado uma peça fundamental no processo ensino-aprendizagem.

CAPITULO III

O LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA ADOTADO: O PROCESSO DE ESCOLHA E OS USOS EM IBICUITINGA

3.1. O processo de Escolha do Livro Didático de História.

Segundo MATOS e VIEIRA (2002: 39), “conhecer por meio da pesquisa requer atenção, cuidados atitudes e procedimentos especiais diante da realidade que se pretende investigar”. Por isso, em busca de conhecer e analisar o processo de escolha do livro didático de História nas escolas de Ibicuitinga elaboramos, distribuímos e aplicamos questionários com questões objetivas e subjetivas destinados aos professores.

Assim, quando questionados acerca do conhecimento do Guia do Livro Didático do Programa Nacional do Livro Didático/ PNLD 2008 – MEC, vimos que os docentes foram unânimes em suas respostas, uma vez que 100% disseram que conhecem a avaliação do livro didático presente no Guia DO Programa Nacional do Livro Didático / 2008 importante instrumento que auxilia o professor na seleção e na escolha dos livros a serem adotados.

Refletindo sobre a Guia do Livro Didático distribuído pelo MEC, para escolha dos livros para o triênio 2008-2010 constatamos que 87% dos professores que participaram da pesquisa já leram este material e 13% não. Diante disso, fica claro que a leitura do Guia é muito importante haja visto que ele contempla os aspectos básicos de um bom livro como sua forma, conteúdo histórico e pedagógico. Por isso, WELTON (2008: 39), refere-se ao Guia do Livro do Livro Didático organizado pelo MEC como: “Subsídio, suporte ou instrumento de apoio às aulas em situação semelhante à de muitos países como França e Portugal”.

No tocante a opinião dos pesquisados sobre o Guia apresenta na tabela abaixo os resultados obtidos:

TABELA 01

O Guia do Livro Didático segundo a percepção do professor.

Ibicuitinga-ce / 2008

Características do Guia	Sim	Não	Total
Auxilia o professor na escolha do livro didático	15	-	15
É complicado e não dá para usá-lo p/ escolher os livros	-	13	13
Aborda questões importantes dos livros (História)	12	01	13
É muito resumido e não serve de apoio ao professor na escolha	01	12	13
Consigo entender as informações que o guia traz	12	-	12

Fonte: Questionário do Professor.

Analisando os dados expostos na tabela 01, verificamos que a maioria dos docentes considera o Guia um excelente auxiliador na escolha do livro didático porque apresenta informações importantes para o professor inerente à escolha do livro didático. Além disso, não é complicado e serve de apoio ao mestre.

Vale ressaltar também nesta pesquisa que dos 17 docentes que selecionamos para a nossa pesquisa 41% afirmou que não participou da escolha do livro didático. Além disso, alegaram desconhecer os motivos pelos quais não foram convocados e /ou convidados para esse processo. Em relação aos 59% que participaram é possível perceber a compreensão referente as orientações do Guia do Livro Didático preparado pelo Programa Nacional do Livro Didático – PNLD/2008.

Conforme os estudos de MARIA HELENA, este programa surgiu:

Pelo decreto Nº. 91-542, de 19 de agosto de 1985 tendo como função avaliar, comprar e distribuir livros didáticos para as escolas brasileiras. Deste então, é possível percebermos algumas mudanças como: indicação do livro didático pelo professor; reutilização do livro implicando abolição do mesmo e o aperfeiçoamento das especificações técnicas para sua produção, visando durabilidade e possibilitando a implantação dos bancos de livros didáticos (...). (2008: p.44).

No que diz respeito ao tempo destinado à escolha 53% do grupo pesquisado ressaltou que foi suficiente uma vez que a metodologia utilizada

facilitou a análise e, conseqüentemente, a escolha do livro didático de História e 47% afirmaram que não, pois este processo requer mais tempo, atenção e um estudo minucioso da obra.

Ainda neste ângulo vale ressaltar que 75% dos professores que responderam o questionário confirmaram que a escolha foi feita a partir das coleções que as editoras deixaram na escola, e os outros 25% não responderam esta pergunta e cerca de 71% dos professores salientou que o corpo administrativo e pedagógico da escola não atuou no processo de escolha, como também a Secretaria da Educação do Município, pois conforme os dados coletados 69% do nosso público alvo assinalaram o item “Não” no que concerne à participação desta entidade na escolha do livro didático.

Quanto ao grupo selecionado para analisar e escolher o livro percebemos que foram os docentes da própria área, tendo em vista peculiaridades de cada disciplina, bem como os resultados obtidos nos questionários aplicados. Os itens a seguir exemplificam nossa constatação:

TABELA: 02

Sobre a escolha do livro didático da sua escola	Sim	Não
A escolha foi feita pelos professores mais antigos da escola	15%	85%
A escolha foi feita somente pelos professores de cada disciplina	79%	21%

Fonte: Questionário do Professor.

Neste contexto, é oportuno mencionar também como os professores fizeram para escolher o livro didático e as informações colhidas estão exemplificadas na tabela 03, a seguir:

Tabela: 03

Procedimentos usados para a escolha do livro didático segundo a percepção do professor.

Ibicuitinga – CE / 2008.

Procedimentos	Sim	Não	Total
Apresentação do Guia do Livro Didático do MEC	07	05	12
A divulgação que as editoras fizeram nas escolas	03	05	08
Já conhecia a obra de anos anteriores	03	04	07
Foi recomendado por outro professor	02	02	04
Não fui eu quem escolheu foi a escola	03	03	06
Segue os Parâmetros Curriculares Nacionais	07	05	12
Devido à organização dos conteúdos	06	05	11
Devido a qualidade dos exercícios	06	05	11
Estava adequado ao projeto político pedagógico da escola	05	06	11

Fonte: Questionário do Professor.

Conforme os dados obtidos na tabela acima, percebe-se claramente que os principais motivos que conduziram os docentes a escolherem o livro didático foram sem dúvida a apresentação do Guia, a organização dos conteúdos, e a qualidade dos exercícios, seguindo os Parâmetros Curriculares Nacionais. Nesta perspectiva, concordamos com HERNÁNDEZ (1998: 83), quando afirma. O professor é de fato um aprendiz diante do processo a seguir e das maneiras de abordá-lo, que nunca se repetem, que sempre adquirem dimensões novas em cada grupo.

Em outras palavras podemos dizer que o professor é um eterno aprendiz e, nesse processo predomina a cooperação de todos os envolvidos na busca de um fazer diferente, onde se priorize a qualidade do processo ensino e aprendizagem, que passa pela escolha do livro didático adotado na escola.

3.2 - As Coleções de História em Ibicuitinga para o triênio 2008-2010.

3.2.1 - Escolas da Prefeitura

O livro didático foi e continua sendo objeto de uma série de análise pautadas em diferentes abordagens teóricas e metodológicas, provenientes de diversos campos de investigação científica. Porém, segundo MAGDA SOARES

Muitos e vários olhares vêm sendo lançados sobre o livro didático nos últimos anos: um olhar pedagógico, que avalia qualidade e correção, que discute e orienta a escolha e o uso; um olhar político, que formula e direciona processos decisórios de seleção, distribuição e controle; um olhar econômico, que fixa normas e parâmetros de produção, de comercialização, de distribuição. Avaliar qualidade e correção, orientar escolha e uso, direcionar decisões, fixar normas... São olhares que prescrevem, criticam; por que não um olhar que investigue, descreva e compreenda? Olhar que afaste o “dever ser” ou o “fazer ser”, e volte-se para o “ser” – não o discurso sobre o que “deve ser” a pedagogia do livro didático, a política do livro didático, a economia do livro didático, mas o discurso sobre o que “é”, o que “tem sido”, o que “foi” o livro didático. (1996, p.53).

Olhares como os sugeridos por Magda Soares têm sido lançados recentemente por pesquisadores ao campo de investigação da História das Disciplinas Escolares. Conduzindo-nos a análise das coleções adotadas em Ibicuitinga, constatamos que as escolas pertencentes à Prefeitura Municipal escolheram e receberam a coleção “História Hoje” cujo autor é Oldimar Pontes Cardoso da editora Ática. Dentre as justificativas para a escolha da mesma é oportuno salientar a opinião dos professores, destacando as mais significativas para o nosso estudo:

Essa coleção foi escolhida porque era a que mais tinha a ver com o nosso objetivo no ensino de História: formar cidadãos críticos e não passivos em relação aos acontecimentos marcantes na nossa sociedade atual. Depoimento da professora (I).

Porque são livros que trazem conhecimentos riquíssimos para a sociedade da qual nossos alunos fazem parte. Depoimento do professor (P).

Todavia, vale lembrar que alguns docentes enfatizaram a importância da coleção escolhida, tendo em vista sua abordagem crítica e reflexiva. As opiniões abaixo confirmam o nosso ponto de vista:

Por abordar os conteúdos de forma que os alunos questionem, reconheçam, reflitam, enfim expressem suas opiniões e levantem possibilidades. Depoimento da professora (J).

Essa edição trás em seu contexto o caráter social e histórico, que instiga a curiosidade e atende a sua necessidade didática pedagógica, que amplia o conhecimento de mundo do educando, levando-o a refletir. Depoimentos da professora (R).

Contudo, a maioria dos professores mencionou que adotaram esta coletânea em virtude a riqueza dos conteúdos e por está dentro dos padrões dos Parâmetros Curriculares Nacionais. As afirmações a seguir reiteram a nossa percepção:

...A equipe responsável pela parte de História achou um livro rico em conteúdos. Depoimento da Professora(G).

Porque o livro contém uma linguagem simples, com atividades propostas de acordo com os Parâmetros Curriculares. Depoimento do professor (O).

Essa coleção foi adotada porque está de acordo com os parâmetros Curriculares e também de acordo com a proposta da escola. No livro didático está bem dividido os conteúdos e o autor está sempre relacionando os conteúdos a nossa realidade. Depoimento do professor (A).

Diante do exposto, fica claro que o livro didático é uma fonte importante para a compreensão da forma tomada pelo ensino das disciplinas escolares, especialmente da disciplina de História, nos últimos anos do ensino fundamental. Importante, mas não única, pois há uma série de determinações para a compreensão do fenômeno educacional que envolveria a busca de outras evidências.

3.2.1.1 A Coleção “História Hoje”

Ao analisarmos os livros didáticos do Ensino Fundamental Anos Finais, adotado no Município de Ibicuitinga coleção: “História Hoje” de Oldimar Pontes Cardoso da editora Ática, percebemos que o papel usado para confeccioná-los é de boa qualidade, fácil de folhear, com uma encadernação bem resistente. O aspecto mercadológico não mediu esforços, disponibilizando bastantes ilustrações coloridas, estimulando o aluno a levantar possibilidades o que torna o conteúdo mais atrativo, despertando no educando a capacidade de análise crítica, fundamentando ainda os conceitos sobre o que vai ser estudado nos seus capítulos. Convém citar também que esta coleção didática dispõe de um selo PNLD (Programa Nacional do Livro Didático) do Ministério da Educação,

mostrando que foi adotada por uma escola pública, possui tarja vermelha que diz “Venda Proibida” e consta de informações sobre as propostas curriculares embasadas nos PCNS (Programa Curriculares Nacionais) e RCBS (Referencias Curriculares Básicos).

É interessante destacar que a coleção apresenta diferentes formas de planejar o saber: planejamento por cronologia crescente, por cronologia decrescente, por temas, por conceitos ou por objetivos. Em relação ao manual do professor é o mesmo para os quatro anos, indica as concepções historiográficas e pedagógicas. Na segunda parte, apresentam-se, tópico a tópico, exemplos e orientações das atividades sugeridas aos alunos.

Os conteúdos de historia geral, do Brasil e da America são divididos em diversos capítulos e intercaladas ao longo dos volumes, os quais estão organizados da seguinte maneira:

- Volume 01 – 6º ano / 5ª serie, contem 272 paginas e 23 capítulos. Compreende os seguintes conteúdos: o surgimento dos seres humanos, os povos da antiguidade, inclusive da America, o surgimento do cristianismo, a sociedade muçulmana, o império carolíngio, as sociedades feudais ate as cruzadas e o fim da Idade Média.
- Volume 02 – 7º ano / 6ª serie, tem 296 e 24 capítulos cujos conteúdos são: o renascimento, o protestantismo e a reforma católica, o absolutismo, o mercantilismo, a expansão marítima européia, as sociedades americanas, a escravidão e a resistência, a Revolução Francesa ate as independências na America;
- Volume 03 – 8º ano / 7ª serie, abrange 296 paginas e 24 capítulos, conteúdos programáticos: a revolução industrial, os movimentos socialistas, o imperialismo e o neocolonialismo, o primeiro e o segundo reinado no Brasil, a república brasileira ate a década de 30;
- Volume 04 / 9º ano / 8ª serie, possui 296 paginas e 24 capítulos que compreende os seguintes capítulos: a crise de 1929, o século XX ate os dias atuais, no Brasil e no mundo.

Quanto à estrutura, podemos ressaltar que em todos os volumes, a obra apresenta forma padronizada fixa, ou seja, todos os capítulos contemplam

as mesmas seções: Introdução – pequeno texto de abertura e imagens às quais se remetem algumas questões; Cronologia as principais datas e eventos ligados ao tema em questão; informações – o conteúdo histórico, os textos podem variar de cinco a sete paginas; representação – análise e/ou comparação de imagens; relações – o tema exame e aspectos do presente; releitura – o aluno é invariavelmente convidado a reler as primeiras questões a que havia respondido na introdução e compará-los ao novo conhecimento adquirido após os estudos sobre o tema abordado e outras fontes – apresenta livros, filmes e sites para aprofundamento do tema; biografias; questões – quesitos exploratórios que aparecem nas laterais de algumas paginas; quadrinhos – aparecem nas laterais das paginas e complementam os temas tratados no texto principal, informações adicionais sobre acontecimentos históricos, instituições, conceitos e lugares citados; glossário; caderno de mapas. Índice remissivo; referencias bibliográfica e credito das imagens. GUIA, p. 90.

Outro aspecto relevante na obra é a sua abrangência e a sua incorporação de novas concepções de texto e documento, de imagens, bem como o cuidado em apresentar uma proposta coerente e metodologicamente bem articulada do ponto de vista pedagógico, o que se desdobra nos diferentes temas e em todos os volumes.

Conforme a análise realizada no GUIA, p.89 a coleção dá especial atenção á busca de um novo papel ao professor e seu saber inicial, a ser utilizado na produção do saber histórico escolar. Destaca-se o apelo contemporâneo e correto, no sentido de sua adequação a uma realidade em permanente mudança, o que é explicitado no Manual do Professor. Diante, observa-se um dos pontos mais positivos: inequívoca capacidade de buscar uma boa interface com a internet e com outros meios de comunicação e de aprendizagem, favorecendo e estimulando o uso de moderno instrumento de processamento da informação.

Além disso, a obra possibilita o acesso a múltiplas narrativas de sujeitos, seja por meio de textos, de imagens de charges ou de fotografias,

permitindo assim, confrontos de concepções diferenciadas acerca do acontecimento, bem como uma diversidade das fontes históricas, apresentam atividades pedagógicas variadas. Em relação aos exercícios sugeridos, estão sempre intercalados aos textos, tem o objetivo de estimular a leitura, a escrita e a realização de pesquisas. No que diz respeito às formulações constantes na coleção são bem elaboradas, porém, em algumas seções existe concentração excessiva em questionários. Contudo, há poucas atividades que incentivam a interação dos alunos. De acordo com o GUIA, (2007, p.90).

Por outro lado, a obra apresenta pequenos equívocos relativos a informações históricas, o teor do conteúdo abordado, justamente com imagens atualizadas, é fortes instrumentos facilitadores da aprendizagem. No que diz respeito ao volume 1º do 6º ano (5ª série), há uma menção ao antigo testamento, misturando personagens que provavelmente existiram com outros personagens fantásticos e sobrenaturais. Assim, em função da faixa etária e das diferentes formações religiosas dos alunos, sugere-se ao professor cuidado a cerca das discussões que provavelmente serão levantadas.

Quanto ao excesso de conteúdo, pode-se tornar um problema, dependente do contexto escolar. No entanto, o autor adverte sobre o fato dos conteúdos excessivos e que opções de trabalho e prioridades devem ser feitas pelos professores de modo a selecionar os mais oportunos a realidade dos alunos.

Em linhas gerais, as ilustrações contextualizam a narrativa histórica, oferecendo ao professor a possibilidade de fazer associações e relações nos mais diversos tempos e espaços históricos. Ele pode explorar com intensidade os registros iconográficos disponíveis na coleção, sobretudo pela qualidade e atualização do material. As representações cartográficas apresentadas dispõem de informações cronológicas que auxiliam na construção do conhecimento histórico.

Portanto, o autor da coleção analisada espera despertar a capacidade do aluno para questionar, problematizar o conteúdo estudado, uma vez que

utiliza uma linguagem clara, objetiva e de fácil entendimento para a faixa etária destinada. Os conceitos são precisos, no entanto, cada aluno irá perceber o livro do seu jeito, com suas idéias, seus modos de pensar e sentir. Diante disso, nota-se que o autor em sua obra pretende abrir os olhos do leitor, onde o mesmo possa questionar e intervir na realidade, favorecendo de modo especial, a capacidade de problematizar e despertar a visão crítica.

Importa ainda neste contexto, ressaltar a coleção escolhida respalda a Lei 10.639, onde o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira nos Currículos da Educação Básica torna-se obrigatório.

3.2.2 – Escola do Estado

A escola de Ensino Fundamental e Médio Maria Edilce Dias Fernandes, localizada em Ibicuitinga, pertencente a rede estadual. Ofereceu no ano de 2008 apenas uma única turma do Ensino Fundamental 9º ano (8ª série) em virtude das incumbências das políticas educacionais que atribui ao município o ensino fundamental e ao estado compete o ensino médio.

Ao refletir o processo de escolha do livro didático de História naquela instituição observamos que a referida escola optou pelo “Projeto Araribá – História” da editora moderna. Contudo, vale salientar que os professores não expuseram nos questionários que aplicamos os motivos pelos quais escolheram esta coleção, ou seja, a justificativa.

No entanto, achamos que o eixo norteador desta opção deve-se ao caráter de desenvolvimento da competência leitora que a obra apresenta, bem como as inúmeras estratégias e as técnicas utilizadas para conduzir os alunos à atividade de leitura, indica ainda fontes bibliográficas para ampliação do conhecimento que traz lembretes através das seções, procura fornecer instrumentos para que os professores ocupem o papel de facilitadores do processo ensino-aprendizagem. Conforme destaca o Guia, p 90.

Além disso, o projeto da coleção elegeu como prioridade o trabalho individual, apresentando algumas atividades que oportunizam ocasiões de discussão e interatividade. Essas são as nossas suposições acerca da coleção adotadas pelos docentes da escola estadual.

3.2.2.1 – A Coleção Projeto Araribá – História

Analisando a coletânea adotada pela escola estadual, nota-se que o Manual do Professor apresenta indicações bibliográficas na área pedagógica, é rico e atualizado em relação aos conteúdos históricos, as atividades recomendadas escritas ou orais são bem orientadas, o glossário localizado ao longo do texto didático, as palavras consideradas de difícil compreensão são marcadas no texto na cor rosa e explicadas em um box da mesma tonalidade inserida na página da ocorrência.

É interessante enfatizar que na coleção não se verificam opções por heróis, uma vez que a preocupação central são os processos históricos e as diversidades das experiências humanas. Quanto à compreensão dos acontecimentos históricos de uma determinada época, conforme a obra é necessário aprender sobre pessoas e/ou grupos que deles participaram. Isso significa estudar as formas pelas quais as pessoas se organizavam em sociedades para promover a sua própria sobrevivência. Por outro lado, o trabalho criterioso com as fontes históricas é um dos principais eixos da proposta que são trabalhadas sistematicamente nos exercícios, utilizando sempre roteiros para análise. Segundo o GUIA, (2007, p. 61).

No que concerne às imagens, são bem selecionadas e legendadas o que constitui um instrumento eficaz de leitura. Inserem-se também neste contexto as discussões sobre música, futebol, cinema e padrões de beleza, além do trabalho infantil, da fome, do preconceito social e da questão indígena, voltando-se ao temas para reflexão no campo da ética, da saúde, da cidadania, do trabalho e do meio ambiente. Alguns mapas, devido ao tamanho, tornam a visibilidade difícil, porém, o conjunto gráfico se apresenta muito atrativo. GUIA, (p. 61).

No tocante a estrutura, é importante mencionar que a coleção apresenta as seguintes seções: estudos dos temas – texto principal, em foco – temas relevantes e interligados aos conteúdos abordados, a página de abertura – uma imagem representativa do conteúdo central da unidade, análise das imagens – (nas últimas séries/anos da obra, é submetida pela seção questões para responder no final da unidade), o que você sabe? – busca sondar o conhecimento prévio do aluno, organize o conhecimento – retoma o conteúdo estudado, explique – analise e interpreta textos e imagens, pesquise – linha do tempo. As atividades de ampliação estão agrupadas em outras seções, a saber: Personagens, Ontem e Hoje, edifícios daquele tempo, mapas históricos, Arte e História, Ciência e Tecnologia, de olho no presente e conceitos históricos que estão organizados ao longo dos volumes de forma diversificada.

No que diz respeito ao Manual do Professor, está dividida em três partes: reprodução do livro do aluno, trazendo, em vermelho informações adicionais; apresentações gerais – igual em todos os volumes aborda a visão de histórias da coleção e seus pressupostos metodológicos; orientações específicas – encontra-se organizada em vários blocos; esquema da unidade, o tema e sua relevância, objetivos da unidade, desenvolvimento didático, leitura complementar, sugestões de atividades – conjunto de dez questões que podem ser utilizadas pelo professor para reforço ou avaliação final da unidade, ampliação, sugestões de leitura, filmes e sites, respostas das sugestões de atividades.

Em suma a coleção analisada organiza seu conteúdo dentro da proposta e da História Integrada, seguindo a ordem cronológica das sociedades busca estabelecer relações entre os diversos conteúdos. Cada volume está estruturado em oito unidades, divididas entre quatro a seis capítulos como ilustra o sumário sintético abaixo:

- Volume 1 – (232 páginas e 8 unidades), pertence a 5ª série / 6º ano. Os conteúdos trabalhados são: Introdução aos estudos históricos, a evolução

dos primeiros grupos humanos, as Civilizações Antigas e as Sociedades do Extremo Oriente, a divisão do Império Romano.

- Volume 2 – (248 paginas e 8 unidades), 6ª serie / 7º ano aborda a formação da Europa feudal ate a expansão colonial, incluindo as povos americanos e as crises e as rebeliões nas colônias.
- Volume 3 – (216 paginas e 8 unidades), 7ª serie / 8º ano. Compreende os seguintes conteúdos: Inglaterra absolutista, as teses colônias e o segundo reinado brasileiro.
- Volume 4 - (256 paginas e 8 unidades), 8ª serie / 9º ano. Trata da era do imperialismo ate a nova ordem mundial.

Na integra, verificamos que as duas coleções adotadas são boas, uma vez que fomentam no educador a reflexão mediante os assuntos estudados, conduz a criticidade. Porém, devem ser usadas de forma eficaz, propiciando o desenvolvimento das competências e habilidades cognitivas do aluno e, por conseqüente, favorecer o processo ensino e aprendizagem.

Esta coleção denominada “História Hoje”, nos chama mais atenção não por ser mais importante que as demais, mas por ter sido a coleção adotada pelas escolas públicas municipais de Ibicuitinga e que já está sendo utilizada pelos os professores e alunos e será adotada até o ano de 2010 conforme orientação do Programa Nacional do Livro didático – PNLD, que determina o uso mínimo de um triênio para cada coleção escolhida em época nacional.

Podemos perceber ainda que os livros da coleção História, do autor Oldimar Pontes Cardoso, trabalha a temática África de forma clara e consistente buscando fazer com que seus leitores tenham um outro olhar sobre esse continente, mostrando sua dimensão territorial, cultural e toda sua riqueza que ao longo de séculos foi e é explorado.

Já o projeto Araribá facilita ao professor desenvolver sua função de facilitador sem o qual o processo educativo não acontece. A obra indica fontes bibliográficas que possibilita a ampliação do conhecimento e traz lembretes

através das seções procurando fornecer instrumentos para que o docente ocupe o seu papel.

3.3 – O uso do livro didático conforme os professores.

O Livro Didático de história é um instrumento de trabalho indispensável, pois a maioria dos professores nele se apóia. O livro didático tem sido um dos mais utilizados canais de transmissão e, sobretudo, de manutenção de alguns mitos e estereótipos que povoam a história do Brasil.

Conforme Bittencourt, percebe-se que o livro didático está presente na história da História desde sua concepção.

O livro didático tem sido o principal instrumento de trabalho de professores e alunos, sendo utilizado nas mais variadas salas de aula e condições pedagógicas, servindo como mediadores entre a proposta oficial do poder expressam nos programas curriculares e o conhecimento escolar ensinado pelo professor (1998, p 69).

O destaque dado ao livro didático é para atentarmos o quanto o mesmo pode ser “perigoso” no processo de aprendizagem do aluno. Quando falamos em ser perigoso, é pelo fato do professor colocá-lo como única fonte de pesquisa, transformando o aluno em um ser passivo e acomodado. Destaca Souza:

O livro didático deve continuar existindo, porém, sendo visto como um instrumento de trabalho auxiliar na sala de aula e não como autoridade, o critério absoluto da verdade que representa crenças e valores que levam a percepção de todos pertencerem à mesma posição na pirâmide social. (2002, p.34).

É importante ressaltamos que o motivo pelo qual o livro didático tornou-se bastante conservador é porque a maior preocupação durante todos esses anos foi seguir os tópicos sugeridos pelos conteúdos dos programas e Guias Curriculares, colocando assim, em segundo plano os objetivos e as propostas de uma História Crítica (quando esta existe), pois sabemos que alguns professores continuam mergulhados no sistema tradicional de ensino.

Os livros, como as escolas, existem dentro de um contexto político e social precisam, então, ser considerados em seu aspecto de produto, como resultante da interação de um conjunto de normas, disposições e determinações culturais.

E mediante esta realidade que o livro didático, através da influência das editoras, se impõe nas escolas, nas salas de aulas e acaba sendo, na maioria das vezes, o único recurso didático no dia-a-dia do professor e como única forma de acesso a um saber mais apurado.

Portanto, FONSECA salienta que:

O livro didático, é de fato, o principal veiculador de conhecimentos sistematizados, o produto cultural de maior divulgação entre os brasileiros que têm acesso à educação escolar. (2003, p. 49).

O livro didático traz consigo a verdade absoluta, pronta e acabada, e o professor absorve passivamente e repassa para o aluno. Claro, que não pretendemos aqui denegrir a imagem do livro didático, mas preservamos a idéia de que ele não seja mais visto como a única fonte de conhecimento digna de confiança, como colocam os positivistas quando dizem que um documento escrito é tido como verdade oficial sem questionamentos. O propósito é que ele faça parte do conjunto de recursos, recursos esses, indispensáveis ao professor no seu cotidiano que é a sala de aula.

Refletindo acerca da utilização do livro didático no âmbito da sala de aula, percebemos que a ênfase segundo o grupo pesquisado recai numa diversidade de opiniões que vai desde a aula expositiva até as pesquisas. Os comentários abaixo demonstraram os diferentes usos deste importante suporte pedagógico:

Dividido por partes através de aulas expositivas, seminários, enfocando pontos importantes, porem, interessante para os alunos.

Depoimento do professor (G)

Utiliza para fazer exposição e explicação dos assuntos que o mesmo nos transmite, e para a realização das atividades.

Depoimento do professor (P)

Como um recurso que e repassado através de aulas expositivas e objetivas com o intuito de ensinar e transmitir ao aluno a importância dos conteúdos de historia na vida do mesmo.

Depoimento do professor (H)

Desenvolvendo todas as atividades propostas por ele, assim como, analise de imagens de textos e filmes.

Depoimento do professor (M)

Conforme os depoimentos acima ficam claro que os professores utilizam o livro didático de forma razoável, explorando suas seções e buscando promover uma aprendizagem satisfatória.

Em contrapartida nos deparamos como uma minoria de docentes que o concebe como um instrumento pedagógico indispensável ao aprendizado do aluno. Seguem os posicionamentos que refletem este ponto de vista:

Como um subsidio, um recurso na ação de educação e aprender e vice-versa.

Depoimento do professor (F)

Como principal suporte no ensino dessa disciplina, já que não dispomos de muitos recursos para incrementar nossas aulas de historia.

Depoimento do professor (I)

No entanto, é oportuno lembrar que as maiorias dos docentes revelaram que usam o livro didático através de leituras (oral, silenciosa, para grafada, partilhada visual, dentre outras), exploração das gravuras, sondagem, debate, discussão em grupo, predição e reflexão sobre os conteúdos. Além disso, fazem uso de outros recursos pedagógicos entre eles citaram: vídeos, filmes, Internet, pesquisas no laboratório de informática e outros livros disponíveis na biblioteca da escola. Diante disso achamos que nos últimos

anos diversificar as fontes utilizadas em sala de aula tem sido o maior desafio para os professores.

Finalmente faz-se necessário destacar também a formação docente como elemento fundamental na utilização de outros recursos e metodologias em sua prática pedagógica. Não basta apenas o docente ter em mãos bons livros de história, se não estiver capacitado para utilizá-lo no seu cotidiano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Salientamos que esta pesquisa se desenvolveu através da aplicação de questionários, onde o professor de História de cada escola pública do ensino fundamental II de Ibicuitinga respondeu indagações referentes ao seu processo de formação acadêmica, como aconteceu a escolha do livro didático de História na “sua” escola e como o mesmo é utilizado nas atividades desenvolvidas em sala de aula.

Nos questionários aplicados percebemos que os professores tem dificuldade para definir história de forma mais complexa. Alguns professores relatam mais a questão dos fatos passados e outros tiveram uma visão mais ampla da história como um processo de mudança que influencia o presente.

Devido à deficiência de Professor formado em áreas específicas, e possível encontrar professor lecionando em diversas áreas no município de Ibicuitinga nas quais não formados.

Nesta pesquisa podemos constatar que o livro didático ainda continua sendo o recurso mais utilizado em sala de aula pelos os professores. Mesmo independente das criticas que às vezes lhe são atribuídas podemos perceber que o livro didático tem passado por diversas mudanças positivas, um exemplo, o rompimento de uma abordagem cristalizada no tempo. Portanto podemos salientar que o livro didático depende muito de como o docente vai explorar os conteúdos juntos com seus alunos.

Dentro das novas perspectivas do currículo, o livro didático continua sendo ainda, no Século XXI um importante instrumento pedagógico e didático para o processo ensino – aprendizagem. Entretanto, sob um novo olhar que o descaracteriza como fonte exclusiva do saber em sala de aula.

Diante disso, é notório que o livro didático não é o único instrumento que o professor usa em suas aulas, mas um referencial, uma ferramenta de trabalho importante no cotidiano escolar que fundamenta a prática pedagógica do docente, constituindo assim, em mais um suporte positivo na sala de aula como também na vida social.

O ensino de história passou por diversas mudanças ao longo dos anos. Podemos salientar que a tendência do nosso sistema de ensino é continuar renovando, pois à medida que a sociedade avança em termos tecnológicos e científicos.

Ao analisarmos sobre a formação dos professores de história de Ibicuitinga, durante o caminhar desta pesquisa, percebemos o quanto faz diferença o tipo de formação do professor na hora de ensinar história. Pois mesmos os professores formados em história, muitos deles ainda estão à margem do perfil “Ideal” de professor de história definido pelos teóricos com quais dialogamos ao longo desta pesquisa. Pois não basta só o professor ressaltar sobre a importância de ensino de história e afirmar que gosta de ensinar história, pois esta discussão precisa sair do debate teórico e avançar no sentido de se transformar em propostas concretas. É necessário superar as práticas tradicionais e mostrar proposta significativa e com objetos definidos. Levantando questões relacionadas com o cotidiano do aluno, fazendo com que o aluno desenvolva atividades que lhe faça adquirir noções de permanências e mudanças e que possa desenvolver o seu raciocínio.

O ensino de história de Ibicuitinga, portanto com relação à formação docente deixa muito a desejar, pois temos professores formados em história, conforme informação da própria Secretaria de Educação do Município e muitos deles não exercem a sua área, e sim trabalham como diretor, agente pedagógico e etc.

Percebemos o quanto o resultado desse trabalho se deve a algumas reflexões sobre o ensino de história em Ibicuitinga levando em conta a formação do educador e também o livro didático de história que é um grande suporte para a utilização dos docentes em sala de aula.

Através dessa pesquisa percebemos que os professores de história de Ibicuitinga em geral não são formados em História e trabalham quase exclusivamente com o livro didático para ensinar História.

Este trabalho teve um olhar sobre o ensino de história, o processo de escolha do livro didático de história, e a formação docente em Ibicuitinga. E também a análise dos diversos usos dos livros didático de história no cotidiano escolar.

A nosso ver, a história deve ser estudada e ao mesmo tempo refletida, fazendo com que cada indivíduo produza a história e não simplesmente, a reproduza como um saber pronto e acabado.

Esperamos que esta pesquisa contribua de forma significativa para a reflexão sobre formação dos professores de história em Ibicuitinga, o processo de escolha do livro didático, e conseqüentemente contribua para que. Todos os docentes desta área possam escolher o material didático mais adequado levando em consideração a realidade dos alunos, bem como os princípios educacionais, históricos e pedagógicos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABUD, Katia Maria. “Círculos de História e Políticas Públicas: os programas de história do Brasil na escola Secundária”. In: BITTENCOURT, Circe. **O Saber Histórico em Sala de Aula**. São Paulo: Contexto, 1997.

BITTENCOURT, Circe. “Livro didático entre a formação dos docentes”. In BITTENCOURT, **o saber Histórico em sala de aula**, São Paulo: Contexto, 1997.

_____. **O Saber Histórico na Sala de aula** 2ª ed. São Paulo: Contexto, 1998. p. 30.

BORGES, Vavy Pacheco. **O que é história**, S. Paulo brasiliense, 1987. (Col. Primeiros passos nº 17).

BRASIL, ministério da educação. **Guia de livros didáticos PNLD, 2008**: Brasília: MEC, 2007.

_____, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: História e Geografia**, Brasília MEC / SEF, 1997.

_____, Secretaria de educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais, História, Geografia** Brasília. MEC / SEF, 1998.

CABRINI, Conceição et outros. **O Ensino de história**: Revisão Urgente 1ª edição, São Paulo, editora Brasiliense, 1986.

CAMURÇA, Maria Helena dos Santos. **O livro didático nas escolas da rede municipal**: olhares de professores e alunos de Quixaramobim. Quixadá: 2008. Monografia de graduação do Curso de História na FECLESC (UECE).

CARDOSO, Oldimar Pontes, *História Hoje: 6º ao 9º ano*. São Paulo: Ática, 2006. V. 1, 2, 3, e 4.

CHOPIN, Alain. **História dos livros e das edições Didáticas sobre o Estado da Arte**. Editora Cortez, São Paulo, 2004.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino de História**. Papirus, Campinas, SP, 2003.

GARCIA, Carlos Marcelo. "A Formação de Professores: Novas Perspectivas Baseadas na Investigação sobre o Pensamento do Professor". In *os Professores e sua Formação*. Lisboa: Nova Enciclopédia, 1997.

GIRÃO, Raimundo. **Pequena História do Ceará**: 3ª edição. Série a documentário. Vol. 5 Fortaleza, 1971.

GOMEZ, Angel Perez.. "O Pensamento prático do Professor": A Formação do Professor como Profissional Reflexivo. In *Os Professores e a sua formação*. Lisboa: Nova Enciclopédia, 1997.

HERNANDES, Fernando. **Transgressão e mudança na educação: os projetos de trabalho**. Tradução de Jussara Hanbert. Porta alegre: Art. Med, 1998.

MATOS, Kelma Socorro Lopes de. **Pesquisa Educacional: o prazer de conhecer**. 2 ed. Ver. atual. Fortaleza: Edições Demócrito rocha: 2002.

MOLINA, Ana Heloísa. "A Formação de Professores de História". In: PÓRTO JR. Gilson (org.) **História do tempo presente**. Bauru, SP: Edusc, 2007. 360p.; 23 cm-(Coleção História). p.135.

NADAI, Elsa. "O ensino de História no Brasil: Trajetória e Perspectiva" In **Revista Brasileira de História** – ANPUH, v. 13, nº 25/26. São Paulo Marcos Zero, 1992/1993.

NOVOA, Antônio. “Formação de Professores e Profissão Docente”. In: **Os Professores e a sua formação**. Lisboa: Nova enciclopédia, 1997.

POPKEWITZ, S. Thomas. “Profissionalização e Formação de Professores: Algumas notas sobre a sua história, ideologia e potencial”. In: **os Professores e a sua Formação**. Lisboa: Nova Enciclopédia, 1997.

PROJETO ARARIBÁ, história/ obra coletiva, concebida, desenvolvida e produzida pela editora moderna; editora responsável Maria Raquel Apolinário Melani 1: Ed. São Paulo Moderno, 2006 V. 4.

REIS, Carlos José. “Os Annales: A renovação teórico-Methodológica e “Utópica” da História pela Reconstrução do tempo Histórico”. In Escola dos Annales a inovação em história. Paz e Terra. 2ª edição, 2004.

REVISTA Nova Escola ano XVI, número 139 janeiro / fevereiro 2001.

REVISTÃ Nova Escola ano XVII, número 154 agosto 2002.

SCHIMIDT, Maria auxiliadora e Cainelli, Marlene. **Ensinar História**. São Paulo: Scipione 1ª edição. 2004. (pensamento e ação no magistério).

_____, Maria Auxiliadora. “A Formação do professor de História e o Cotidiano da Sala de aula”. In: **O Saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto 2002.

SOARES, Magda. Apud DÉCIO, Gatti: 2004, p. 32.

SOUSA, Francisco Welton Eduardo. **O processo de Escolha e os usos do livro didático de historia**: os professores e as escolas publicam de Banabuiú em Foco. Quixadá: 2008. Monografia de Graduação apresentada no curso de História da FECLESC / UECE.

SOUSA, M. A. A “História Local. O ensino de história e o livro didático”. In; SCHMIDT/ CAINELLI, Maria Auxiliadora e Marlene Rosa (orgs.). **Perspectivas do Ensino de História**. Curitiba: aos quatros ventos, 1999.

SOUZA, Simone Mateus de. A História Ensinada nas escolas Públicas de Capistrano: Concepções e metodologias. Quixadá, FECLESC, 2002. Monografia de Graduação.

VIEIRA, Maria Eunice Alves, Aluno Desinteressado ou Escola Desinteressante? Refletindo sobre determinantes do desinteresse do aluno da escola publica até 2001. Monografia de Graduação apresentada no curso de História da FECLESC / UECE.

ZEICHNER, Ken. “Novos Caminhos para o Practicum: uma perspectiva para os anos 90”. In **os Professores e a sua formação**. Lisboa: Nova Enciclopédia, 1997.

ANEXOS